

A Sociedade do cansaço e as contribuições de Byung-Chul Han para o campo da Educação: uma leitura contemporânea fundamental

The Sociedade do cansaço and the contributions of Byung-Chul Han to the field of Education: a fundamental contemporary Reading

La Sociedad do cansaço y los aportes de Byung-Chul Han al campo de la Educación: una lectura contemporânea fundamental

Bruno Falararo de Mello¹

<https://orcid.org/0000-0001-7267-1020>

Cristiane Ribeiro Justino Moura²

<https://orcid.org/0009-0008-6745-9648>

Filipe Rafael Gracioli³

<https://orcid.org/0000-0002-3240-9594>

João Pedro Pezzato⁴

<https://orcid.org/0000-0002-9523-0954>

Rafaela Domingues Pereira⁵

<https://orcid.org/0000-0001-5965-7953>

Thiago Luiz Calandro⁶

<https://orcid.org/0000-0001-7448-064X>

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: brunofmello@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: justino.moura@unesp.br.

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: filipe.gracioli@iphan.gov.br.

⁴ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: joao.pezzato@unesp.br.

⁵ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: rafaela.domingues@unesp.br.

⁶ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, Jaguariaíva, Paraná – Brasil. E-mail: thiago.calandro@ifpr.edu.br.



Resumo

Para além da sociedade disciplinar do século XXI, segundo Han, vivemos uma sociedade de desempenho e do cansaço, que reivindica a autonomização da própria vida por meio da técnica, cujos habitantes são agora sujeitos de produção e empresários de si mesmos. Han introduz o cansaço como característico dessa sociedade, tomada pelas doenças neuronais, em um mundo que perdeu sua alma e tornou-se desprovido de sua relação com o divino. O autor convida-nos a repensar os termos dessa contemporaneidade.

Palavras-chave: Desempenho. Doenças neuronais. Positividade. Sociedade disciplinar. Violência neural.

Abstract

In addition to the disciplinary society of the 21st century, according to Han, we live in a society of performance and fatigue, which demands the autonomy of life itself through technology, whose inhabitants are now subjects of production and entrepreneurs of themselves. Han introduces tiredness as a characteristic of this society, taken over by neuronal diseases, in a world that has lost its soul and become devoid of its relationship with the divine. The author invites us to rethink the terms of this contemporaneity.

Keywords: Performance. Neuronal diseases. Positivity. Disciplinary society. Neural violence.

Resumen

Más allá de la sociedad disciplinaria del siglo XXI, según Han, vivimos en una sociedad del rendimiento y del cansancio, que exige la autonomización de la propia vida a través de la técnica, cuyos habitantes son ahora sujetos de producción y empresarios de sí mismos. Han introduce el cansancio como una característica de esta sociedad, invadida por enfermedades neuronales, en un mundo que ha perdido su alma y ha quedado desprovisto de su relación con lo divino. El autor nos invita a repensar los términos de esta contemporaneidad.

Palabras clave: Rendimiento. Enfermedades neuronales. Positividad. Sociedad disciplinaria. Violencia neural.

Byung-Chul Han nasceu em Seul, Coreia do Sul, em 1959 e tem inúmeras publicações traduzidas para diversas línguas. Atualmente, é um dos filósofos mais populares dos meios de comunicação do Ocidente, com mais de uma dezena de ensaios de críticas à sociedade do trabalho e à tecnologia. Estudou metalurgia na Universidade da Coreia e, em 1985, chegou à Alemanha sem dominar a língua local.

Ao chegar à Europa, o sul-coreano estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, doutorou-se com uma tese sobre Martin Heidegger. Hoje, é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de

Berlim. Em 2012, passou a compor o quadro de professores na área de estudos de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Artes de Berlim, Alemanha.

A edição de 2017 de *Sociedade do cansaço* está estruturada em oito seções, sendo a primeira intitulada “A violência neural”. A obra foi traduzida para o português em 2015 e ampliada na segunda edição, em 2017, com dois textos anexos: “Sociedade do esgotamento” e “Tempo de celebração: a festa numa época sem celebração”.

No capítulo 1, o autor identifica a sociedade atual como imersa na hegemonia do que denomina “violência neural imanente”. Nos termos do autor, representada pela massificação do positivo, essa violência é inacessível a uma percepção direta, fruto de uma sociedade permissiva e pacificada. Assim, o autor afirma que a sociedade contemporânea se distingue pelo excesso de positividade.

Por uma perspectiva patológica, o século XXI é caracterizado por suas doenças neuronais: depressão, transtorno de *déficit* de atenção e *burnout* determinam a paisagem do presente século, doenças provocadas pelo excesso de positividade.

Atualmente, temos uma mudança de paradigma que se contrapõe à ideia de ataque e defesa; esse novo paradigma se caracteriza pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. Nas palavras do autor, “a alteridade é categoria fundamental da imunologia”. Hoje em dia, entra em cena a diferença que não provoca reação imunológica.

Vivemos em um mundo globalizado, no qual o paradigma imunológico não traduz mais a realidade. O mundo definido pelo primeiro paradigma era repleto de barreiras e muros; no novo paradigma, existem uma “promiscuidade” e falta de imunidade que se condicionam mutuamente.

Nesse novo cenário, a violência vem do igual, do excesso de positividade, da superprodução, do superdesempenho e da supercomunicação. Essa nova forma de violência não parte do outro imunológico; ao contrário, é imanente ao sistema. A violência neuronal tem como premissa a não negatividade, o excesso e o saturante.

No capítulo 2, Han discute a transição da sociedade disciplinar, conforme descrita por Michel Foucault, para uma nova configuração social. A sociedade disciplinar era caracterizada por instituições como hospitais, asilos, presídios e fábricas, que impunham controle e disciplina sobre os indivíduos, no entanto Han argumenta que a sociedade contemporânea se afastou desse modelo, movendo-se em direção a uma sociedade que valoriza a autoexploração e a

hiperatividade. Nessa nova sociedade, os indivíduos são incentivados a se tornarem empreendedores de si mesmos, levando a uma pressão constante para serem produtivos e eficientes, cuja busca incessante por desempenho e sucesso se torna uma norma em detrimento do descanso e da contemplação.

No capítulo 3, Han explora a importância do tédio como um estado mental que permite a reflexão e a criatividade; esse estado mental contrasta com a hiperatenção da sociedade moderna, caracterizada por uma constante mudança de foco e aversão ao tédio. Argumenta que o tédio profundo é essencial para a experiência humana, pois proporciona um espaço para contemplação e introspecção. Walter Benjamin (1892-1940) é citado, referindo-se ao tédio como um “pássaro onírico” que choca o ovo da experiência, simbolizando a capacidade de gerar novas ideias e *insights*. Han enfatiza que a falta de tédio profundo na vida contemporânea resulta em uma superficialidade que impede o desenvolvimento cultural e espiritual, levando a uma sociedade que não consegue se conectar com a profundidade da experiência humana.

No âmbito da Educação, o excesso de positividade diminui o surgimento de experiências de criação de espaços onde os alunos possam experimentar o tédio de forma produtiva, desenvolvendo a capacidade de pensar criticamente e refletir sobre suas experiências, contribuindo para uma “Educação do cansaço”, traduzida por um currículo que busca abarcar muitas informações, mas que pode resultar na superficialidade de leituras do real.

No quarto capítulo, Han recupera a discussão filosófica iniciada por Hannah Arendt (1906-1975) sobre a relação entre a vida ativa e a vida contemplativa na sociedade moderna, com especial atenção ao período do pós-Segunda Guerra Mundial, fundado no trabalho e na produção técnico-tecnológica, já bastante distanciada de uma vida orgânica. Comenta sobre os excessos da perda da relação senhor-escravo, sendo que aquele se torna agora também consumido pelo trabalho, pelo não contemplativo, excessos esses que conduzem às hiperneuroses e hiperações que hoje experimentamos.

Como em tantas tradições religiosas e filosóficas orientais, a saída está na contemplação, no parar para ouvir, parar para sentir, parar para ver com olhos de quem vê, parafraseando Walter Benjamin, o que redundaria na tomada de consciência sobre si e sobre a própria vida que implicam igualmente o abandono do individualismo extremado.

Han, como coreano e originado de uma sociedade ultratecnológica e hiperdesenvolvida, tece críticas a essa sociedade estruturada no excesso de trabalho, de produção, de hiperatividade. Para o autor, a capacidade de superatividade no computador, na quantificação dos

computadores, torna-se um autismo, pois não tem aquilo que lhes possibilitaria a humanidade, que é a alteridade, inclusive com a capacidade de dizer não. *Como poderíamos pensar nessa crítica em um país como o Brasil, cuja ocidentalização não está presente em todo o território nacional, ao menos com certa homogeneidade?* Como exemplo, é possível citar regiões onde o acesso à informação por dados de *internet* ou mesmo por meio de redes de transporte rodoviário ainda não é uma realidade.

No quinto capítulo, o autor busca o aporte reflexivo de Nietzsche ao resgatar a importância do *educador*, sendo que uma delas é a do poder de *orientar o olhar* e, ao recuperar as reflexões iniciadas no capítulo anterior, com a ideia de atividade e passividade como imbricação, advoga que nunca se é tão passivo como quando se é excessivamente ativo, hiperativo.

Nesse capítulo, Han nos convida a *ver o que realmente importa*, a pedagogia como orientação, educação do olhar para aquilo que realmente importa atentar: ao presente, ao momento, às conexões humanas, à reflexão, ao fazer junto, ao coletivo, numa proposta que possivelmente caminharia em paralelo com a educação libertadora de Paulo Freire (1921-1997).

Como se imersa na cultura oriental do fazer filosófico zen, a pedagogia do ver provocada por Han avança para a busca pelo vazio, pelo conectar-se com o todo que somente e paradoxalmente o vazio pode permitir, o “passo atrás que impulsiona para a frente”.

Nessa esteira, encaminha sua escrita para a relação entre a ira e a irritação. Aquela, estando para esta assim como o medo para a angústia, tem o sentido de nos reconectar conosco, pois obriga que paremos para pensar, para agir antes da tomada de alguma decisão, enquanto a irritação, em seu estado contínuo e permanente, não nos oferece a pausa necessária para a contemplação do objeto de ira em virtude da descentralização que nos impõe e domina, pois pode ser orientada para qualquer coisa e patológica quando desmedida.

Por fim, indica que a sociedade contemporânea é altamente positiva e advoga pela necessária negatividade que a vida contém e exige como condição à sua permanência. Com isso, aprender a dizer não importa tanto quanto dizer sim, desde que orientado para o que realmente importa, para o que nos transforma de seres animalizados, bestiais, em seres humanizados, no sentido único que nossas vidas admitem, uma vez que dotados de razão.

Han nos chama a atenção para a redução da vida humana contemporânea ao *status* de exclusivamente laboral e que contribui para a criação do *homo labor*, aquele que só produz e

pouco reflete sobre si próprio, desarticulado politicamente e sem orientação para o crítico. Enfim, seu convite é para que resgatemos a capacidade perdida de sermos simples sem incorreremos no meramente simplório, qualidades altamente desejadas no campo da Educação para os dias de hoje.

Na esteira da desarticulação política e acrítica em que o sujeito contemporâneo está inserido, Han nos convida ao diálogo com o personagem marcado pela apatia, Bartleby, do conto “O Escrivão” ou “Bartleby, o Escriturário” (1853), do escritor norte-americano Herman Melville (1819-1891). Nesse conto, Han descreve que o referido personagem experimenta a violência advinda de um cansaço que destrói o comunitário, o comum e que coloca cada um no individual, no mudo, no campo do “eu”.

Sua vida resume-se na fórmula “eu preferiria não [fazer]”, que expressa toda a falta de iniciativa do personagem, que pode ser ampliada para traduzir um estado de espírito que permeia a sociedade contemporânea, ensimesmada, cansada de si e do outro. Bartleby representa ainda um sujeito de obediência dentro da estrutura de uma sociedade disciplinar. A chave que possibilita entender esse personagem se encontra na falta de iniciativa própria, sintetizada no ato monótono de ser somente copista de tarefas que lhe são atribuídas.

Inicialmente, quando de sua contratação pelo escritório do advogado-narrador, Bartleby até se mostra interessado e colaborativo; à medida que o tempo vai passando e suas tarefas se tornam meramente repetição de atos dia após dia, ele vai se tornando indiferente. A certa altura, ao lhe ser atribuída uma atividade qualquer, quando já parece demonstrar cansaço pela repetição tediosa, ele responde com o enigmático “eu preferiria não [fazer]”, resposta que aturde e desloca completamente o narrador da sua centralidade.

Na interpretação de Han, a sociedade contemporânea, marcada pelo excesso de positividade, traduz-se no comportamento apático de Bartleby: a resposta a esse excesso é justamente a sua anulação. Não se trata somente de negatividade, mas sim de uma atitude de passividade ante a realidade que se nos apresenta, cujo ápice é um modo de “preferir não fazer” a fim de se evitar o desgaste maior advindo da nossa cultura que encoraja multitarefas e é artificialmente positiva (algum paralelo com a atual cultura *coach* não será mera coincidência).

Muito embora o filósofo italiano Giorgio Agamben tenha interpretado o personagem Bartleby como uma figura metafísica de pura potência, quase angélica, Han dele diverge. Bartleby é, para Han, um personagem que encerra o esgotamento de uma sociedade que se encontra cansada.

Retomando o tema da positividade – que hoje, com certa liberdade, podemos assumir como *tóxica* –, Han admite que a sociedade do desempenho e a sociedade ativa conduzem-nos a um cansaço e a um esgotamento excessivos. O desdobramento da sociedade ativa é a sua transformação em sociedade do *doping*, à qual se impõe constante elevação do desempenho em quaisquer campos de atuação.

Han nos chama a atenção, porém, para a necessária distinção entre dois tipos de cansaço: o cansaço do esgotamento e o cansaço que inspira. O cansaço do esgotamento é aquele que nos incapacita para fazer qualquer coisa. É ligado à excessividade das atividades produtivas, cuja marcha, sempre em frente, termina por nos impor sempre mais trabalho e mais produção dentro do contexto da sociedade positiva. É o cansaço que acarreta o infarto da alma.

O cansaço que inspira é um cansaço de potência negativa, isto é, um cansaço do não-para. É o tempo do inútil, do criativo, da recreação. É o tempo da contemplação, a qual nos é furtada justamente pelo excesso de positividade. Aqui, novamente, Han nos indica que é preciso uma boa dose de negatividade para se contrapor à toxicidade do onipresente positivo e alcançar o cansaço que inspira e que propicia alcançar o tempo lúdico, o tempo de paz, o tempo de serenidade.

Ao dialogar com o escritor Peter Handke, Han nos revela que o cansaço que inspira é o que proporciona o uso do inútil. Afinal, Deus criou o sábado não para a atividade, mas para o inútil, para o cansaço. É a esse cansaço que devemos voltar a nossa atenção: um cansaço que não é fruto de uma sociedade frenética e autofágica, mas sim de uma sociedade que superou a positividade falaciosa e entendeu que cansaço não precisa e não deve ser sinônimo de fracasso. Assim, o cansaço que inspira pode ser compreendido como sinônimo de tempo para reflexão, amadurecimento, crescimento e, quiçá, redenção.

Por fim, no último segmento, denominado “Anexos”, há o registro de argumentos que colaboram para o entendimento dos demais capítulos. Assim, uma citação vem a contribuir para a compreensão da leitura de Han a respeito da sociedade contemporânea:

O sujeito de desempenho pós-moderno não está submetido a ninguém. Propriamente falando, não é mais sujeito, uma vez que esse conceito se caracteriza pela submissão [...] A mudança de sujeito para projeto, porém, não suprime as coações. Em lugar da coação estranha, surge a autocoação que se apresenta como liberdade. [...] a autoexploração é essencialmente mais eficiente [...] a sociedade de desempenho é uma sociedade de autoexploração. [...] ele desenvolve nesse processo uma autoagressividade que não raro se agudiza e desemboca num suicídio (Han, 2017, p. 101 – adaptado).

A sociedade de hoje não se configura mais como disciplinar, mas como uma sociedade do desempenho, que se organiza como sociedade da liberdade na qual o verbo definidor não é mais o dever, mas o poder hábil. Cada um desses contextos tem um impacto na psique, assim, o sujeito da pós-modernidade não se enquadra na psicanálise obediente de Freud, com um ego cumpridor de deveres e cuja psique é dominada pelo medo e angústia frente à transgressão. Esse sujeito tem como máximas a liberdade e a boa vontade; espera acima de tudo alcançar prazer, ouve a si mesmo, ou seja, é um empreendedor de si mesmo e se desvincula das ordens e da negatividade do outro.

Ao se libertar desse outro, não é necessariamente conduzido à emancipação, mas a outros tipos de coação. A crise da gratificação é apontada como consequência negativa dessa libertação; a coação do desempenho sempre força o indivíduo a produzir mais, nunca atingindo um ponto de repouso da gratificação. Dessa forma, realizar-se e autodestruir-se tornam-se sinônimos.

Ao se desvincular de eu cumpridor de deveres, de ordens, o sujeito contemporâneo torna-se suscetível às enfermidades fundamentais, consequência da violência neural traduzida nas doenças psíquicas da atualidade, que remetem ao excesso de positividade, ao desmonte de barreiras e proibições. Nesse cenário, os novos meios de comunicação têm contribuído para o afastamento do outro pela sua pobreza em alteridade e em realidade entendida como resistência.

O sujeito de desempenho explora-se a si do modo mais efetivo quando se mantém flexível (no sentido de reinventar-se, ter várias facetas); para o autor, as causas da depressão devem considerar as nuances econômicas. O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e constantemente deve superar a si próprio; a síndrome de *burnout* é o resultado da concorrência do sujeito de desempenho consigo mesmo. A pretensa liberdade se apresenta como autocoação e autoexploração.

O projeto se torna um projétil que o sujeito de desempenho direciona contra si mesmo. O tempo do trabalho se tornou absoluto, retirando o tempo do festivo, no qual a própria noção de tempo estava suspensa.

Referências

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Col. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 114-119. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

CORBANEZI, E. R. Han, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. **Tempo Social (online)**, v. 30. São Paulo: USP, 2018, p. 335-342. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>. Acesso em: 9 out. 2024.

HABOWSKI, A. C.; CONTE, E. Sociedade do cansaço [resenha]. **Crítica Cultural – Critic**. v. 13, n. 2. Palhoça: UNISUL, jul./dez. 2018, p. 315-321. Disponível em: <https://doi.org/10.19177/rcc.v13e22018315-321>. Acesso em: 9 out. 2024.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis: Vozes, 2017, 128p.

Enviado em: 16/10/2024

Aprovado em: 07/02/2025